

Ode dos Poetas

Va sala do banquete os maiores entraram,
E só a mim me abandonaram nas escadas.
Tas minhas mãos em tæca os meus olhos choraram,
E esse lelei minhas lágrimas salgadas.

Esse licor me soube bem! melhor
Do que aos lacaios que passavam
Os cálices de vintos que esgotavam
Atrás das portas e nas costas do reitor...

Tanto assim que ciumentos e rivosos
Corroo querem blear,
Eles vieram sobre mim aos coros,
E me batearam e correram.

Lembro-me bem que rolei n'í sobre o tapete,
E já não pude chorar...
Estreitamente, o leuar veio raiando a mèdo,
E eu untei minhas chagas com leuar.

Quando a marata nasceu,
Era tinka um longo olhar fêlix de louco,
E olhava a estrela de alva e os estendais do céu
Corroo querer descolherisse aquilo tudo há pouco!

Voltando as costas aos palácios e aos lacaios
Sobre o meu corpo em chaga então me ergui nem cui
E n'í, deixei que o sol me enviasse de raios,
Fluido, erecto corroo um arbusto!

Mas andavam ali guardas
Que, talvez
Porque eram feios e vestiam fardas,
Liberaram de Hasscor ante a minha neededa.

E vindo sobre mim me puseram grilhões
Me agoitaram, me arrastaram,

E entre mais que dois ladrões,
Dentro duma parede me fecharam.

E eu nem soube de mim dias e dias,
Meses e meses, até que, necessariamente,
Me puse a reparar na minha agonia,
E lá as esquecer e reparar mais para a frente...

Assim, lacaios, guardas, e respondeiros!
Soube que só em mim sou rico.
Ninguém me robará meus esplendores!
Vós morreis! Eu... sei que fico.

José Réio

D
G
F
G
F
E
L
O